



FRONTEIRAS CULTURAIS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, CULTURAS E FRONTEIRAS

CULTURAL FRONTIERS OF THE GRADUATE PROGRAM IN SOCIETY, CULTURES AND FRONTIERS

Ana Carolina Neumann Barbiero¹
Isadora Meneghel Begnini²
Amanda Paula Nunes Ortiz³

RESUMO

Neste trabalho se relata a experiência vivida pelos acadêmicos de mestrado e doutorado, da Unioeste, campus de Foz do Iguaçu, do Programa Sociedade, Cultura e Fronteiras, na visita técnica à Reserva Indígena Avá-Guarani, em São Miguel do Iguaçu. A visita fez parte da disciplina “Sociedade, Cultura e Fronteiras: Fundamentos e enfoques interdisciplinares”, ministrada pelos professores ucranianos Yuliia Felenchak e Andrii Holod. Diante das fronteiras culturais existentes entre brancos e índios, foi possível, por meio da visita, contrastar o estigma social que acompanha a cultura indígena com a realidade vivida e defendida por eles. Foram tratados de vários assuntos, desde educação e cultura, como a dança e canto feitos na Casa de Reza, até o marco temporal, a superpopulação para o pequeno espaço destinado a eles e a invasão da reserva pelos agricultores. A visita foi enriquecedora e proporcionou a transposição de fronteiras culturais, de modo que os docentes Andrii e Yuliia, além de todos discentes, pudessem compreender, na prática, um pouco da realidade da aldeia indígena no Brasil.

Palavras-chave: relato de experiência; cultura; reserva indígena; fronteiras.

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Paraná. Brasil. E-mail: ana.barbiero@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1929-7847>

²Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Paraná. Brasil. E-mail: ibegnini2@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3963-7936>

³Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Paraná. Brasil. E-mail: ortizamandapaula@gmail.com

ABSTRACT

This paper reports on the experience of master's and doctoral students from Unioeste's Foz do Iguaçu campus, from the Society, Culture and Borders Program, on a technical visit to the Avá-Guarani Indigenous Reserve in São Miguel do Iguaçu. The visit was part of the subject "Society, Culture and Borders: Fundamentals and Interdisciplinary Approaches", taught by Ukrainian professors Yuliia Felenchak and Andrii Holod. Faced with the cultural boundaries that exist between whites and Indians, it was possible, through the visit, to contrast the social stigma that accompanies indigenous culture with the reality they live and defend. Various subjects were discussed, from education and culture, such as the dancing and singing done in the Casa de Reza, to the time frame, overpopulation for the small space allocated to them and the invasion of the reserve by farmers. The visit was enriching and allowed cultural boundaries to be crossed, so that teachers Andrii and Yuliia, as well as all the students, could understand, in practice, a little of the reality of the indigenous village in Brazil.

Keywords: experience report; culture; indigenous reservation; borders.

Resumo Expandido recebido em: 02/02/2024

Resumo Expandido aprovado em: 25/11/2024

Resumo Expandido publicado em: 19/03/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/redes.v2ianais.5279>

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal da pesquisa de campo é coletar dados primários diretamente no território do estudo e envolve a familiarização, independente do pesquisador, com o ambiente do problema de pesquisa, em seu desejo de formar sua própria visão de um determinado problema. Essa metodologia proporciona a formulação de suas próprias conclusões com base em suas próprias experiências e com sua visão de resolver o problema.

Dito isso, no dia 11 de outubro de 2023, realizou-se uma pesquisa de campo na Comunidade Indígena *Tekoa Ocoy*, localizada na Reserva Indígena Avá-Guarani do *Ocoy*, no distrito de Santa Rosa, pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu/PR. A escolha dessa experiência didática, ocorreu pela inquietação de alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Foz do Iguaçu, devido às problemáticas lançadas durante as aulas presenciais da disciplina

“Sociedade, Cultura e Fronteiras: Fundamentos e enfoques interdisciplinares”, ministrada pelos professores visitantes ucranianos Yuliia Felenchak e Andrii Holod.

No início do módulo “2” da disciplina, foram trabalhados alguns aspectos históricos, geográficos, econômicos e sociais da investigação científica das zonas fronteiriças. Sendo assim, a pesquisa de campo fomentou o desejo de vivenciar as fronteiras culturais no território indígena, além de proporcionar a aproximação dos professores estrangeiros com a cultura brasileira.

A pesquisa de campo, portanto, foi uma extensão natural desse aprendizado teórico, permitindo que os participantes conciliassem as fronteiras culturais presentes no território indígena com o conhecimento teórico apropriado em sala de aula, promovendo um enriquecimento na compreensão da complexidade das dinâmicas sociais e culturais nesse contexto. Bartomeu Melià (1999) aponta alguns aspectos acerca da alteridade e do respeito às diversidades étnicas e culturais:

Pode-se dizer que essa educação indígena leva em conta a alteridade? Existe uma caricatura do homem e da mulher indígenas que vem dos tempos coloniais e que diz ‘visto um índio, vistos todos’. Vocês, melhor do que eu, sabem que essa generalização é inteiramente gratuita e falsa. Para um observador não-indígena, para um bom antropólogo, por exemplo, a imagem do índio que fica é bem a contrária: que o indígena faz o que bem quer, com liberdade às vezes quase raiando em anarquia, pois cada índio é ele mesmo. A alteridade, afinal, é a liberdade de ser ele próprio (Melià, 1999, p. 12).

Além da desconstrução do estereótipo, que parte da vivência cultural, o autor ressalta a importância da alteridade, que é a capacidade de reconhecer e respeitar a diferença do outro. Ele sugere que, para muitos observadores não indígenas, a imagem do indígena é associada à liberdade individual e à autenticidade, contrastando com a ideia de uniformidade.

A visita contribuiu na compreensão da complexidade e da riqueza das culturas indígenas, rejeitando visões simplistas e exóticas que não captam a verdadeira diversidade e individualidade dentro dessas comunidades.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

No dia 11 de outubro de 2023, foi realizada uma pesquisa de campo à Comunidade Indígena *Tekoa Ocoy* localizada na Reserva Indígena Avá-Guarani do

Ocoy, no distrito de Santa Rosa, localizado no município de São Miguel do Iguazu/PR. Para a pesquisa foram desenvolvidos alguns questionamentos iniciais em sala de aula a fim de guiarem as observações:

1. Peculiaridades da definição e proteção dos limites do território de residência da população indígena do Brasil;
2. Modelos tradicionais de educação e formação preservados na cultura dos indígenas e seu reflexo na cultura moderna do Brasil;
3. Direções de ativação do desenvolvimento social da população indígena do Brasil a fim de preservar sua identificação cultural.

A pesquisa de campo durou cerca de três horas, período em que os discentes e docentes, em nível de mestrado e doutorado, foram guiados pelo cacique “Celso”.

Em um primeiro momento, o grupo foi direcionado à escola estadual da comunidade, ocasião em que o líder informou que o espaço é frequentado por 490 alunos e 49 professores, sendo 16 deles indígenas. Descreveu, ainda, que os auxiliares e a diretora são indígenas, sendo algo inédito na comunidade. Neste local, foram distribuídas cestas básicas e materiais escolares fornecidos pelos estudantes.

Na sequência, os discentes e docentes deslocaram-se até o local em que os habitantes da reserva realizavam seus rituais, os quais incluíram uma dança e a ingestão de um chá à base de milho e açúcar. O local se chama “Casa de Reza”. Para adentrar nele, fizemos uma fila indiana, que, segundo o Cacic, é a forma adequada de se dirigir a ele, e, ao adentrar, fizemos um sinal de reverência ao espaço, conforme fizeram os índios da comunidade, em respeito, como visitantes, à sua cultura e seus costumes.

O momento foi de suma importância, já que foi possível presenciar a dança feita no local, em que eles cantam e tocam seus instrumentos artesanais e encenam, por intermédio da dança, um indivíduo representando a figura do obstáculo, de forma fixa, e os demais, um por vez, pulando o galho, que significa, segundo eles, a própria superação de obstáculos. O professor Andrii, ucraniano, entrou na fila e fez a dança e “pulou” os obstáculos.

Durante o retorno da Casa de Reza para o centro da aldeia, local em que está localizada a escola e o posto de saúde, o cacic Celso informou que os agricultores estavam cultivando em terrenos cada vez mais próximos da reserva e já haviam invadido uma parte da área com as plantações.

Por fim, o grupo foi encaminhado para o centro de venda de produtos artesanais confeccionados pela comunidade, que incluía miniatura de animais típicos da região, como quatis e onças-pintadas, além de objetos como filtros dos sonhos, colares e pulseiras.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo oportunizou a visualização da existência imediata de uma fronteira social e cultural e a sua sensibilidade, caracterizada pela mobilidade e variabilidade, às mudanças no ambiente externo.

Bahl (2009) destaca que o turismo étnico pode ser entendido como um modo de expressão de interesse e apresso à cultura e modo de vida, bem como uma tentativa de compreender os outros povos. Essa questão foi percebida durante o evento, uma vez que os participantes buscaram aprender e interagir com a comunidade local. Pode-se dizer que não há uma “zoologização” dos moradores locais conforme Barretto (2005), sendo o evento um importante meio de interação entre indígenas e não indígenas, educação e valorização sociocultural.

Nesse ponto, destaca-se a constante aproximação dos terrenos agrícolas à aldeia, que vem, ano após ano, diminuir a distância em relação à reserva indígena. Segundo se extrai do Caderno de História da Secretaria de Educação (Secretaria Municipal de Educação, 1999), já em 1999, os agricultores estavam invadindo o marco divisório e o embate das águas do lago estava erodindo as margens.

Em entrevista, o cacic Celso afirmou que os agricultores continuam invadindo a área da reserva, culminando na diminuição do território da reserva indígena, estando cada vez mais próximos das plantações agrícolas e do Lago de Itaipu.

Não bastasse isso, outro problema que acomete a população que vive na aldeia é a utilização de agrotóxicos na área da plantação, o que é feito sem prévio aviso e de forma despreocupada, atingindo as suas vias aéreas e prejudicando a sua saúde.

Tais situações foram possíveis de se entender e culminaram na verdadeira empatia, através da visita, pela observância prática da real situação vivenciada por eles.

Além disso, percebeu-se que a falta de compreensão acerca das origens culturais pelo próprio povo brasileiro que, em discussão acerca do marco temporal, no Supremo Tribunal Federal, fez com que a população indígena fosse alvo de ameaças por esta não concordar com os termos que desrespeitavam os seus direitos e a sua posse anterior nas terras.

Apesar disso, as comunidades indígenas se organizaram para representar seu povo e seus interesses, sobretudo na preservação e cuidado da natureza, em Brasília, no Supremo. O dia da visita, coincidentemente, foi o dia da votação do marco temporal, e o *cacic* informou que havia muitos deles acompanhando a votação de forma presencial e mandando informações em tempo real.

A educação e a participação política são muito importantes para eles, ao contrário do que muitos podem pensar. Esse desconhecimento se revela, muitas vezes, até em conversas informais, nas quais se percebe o estigma que ainda existe acerca da cultura indígena. Mas o fato é que sua cultura itinerante, de sobreviver de artesanato e da terra demonstra que a fronteira é coisa arbitrária para eles (Silva, 2007).

Outra informação importante, é que quando a região oeste foi ocupada pela frente de expansão, os índios guaranis já a habitavam. Com a construção da Itaipu, o estudo analisado pela Secretaria de Educação do Município de São Miguel do Iguazu (1999) revelou que há indícios de que o alagamento da área fez com que muitos índios que ali já habitavam, fossem para o Paraguai, e, posteriormente, retornassem.

Todavia, a área que lhes foi designada era pequena e não satisfatória: “A grande reclamação do índio é a falta de mata e caça” (Secretaria de Educação, 1999). Essa era a informação recebida pela Prefeitura Municipal, acerca do local que lhes foi designado, diante de sua ocupação antiga no município, antes da retirada ocasionada pela construção da Itaipu.

Se a área já era pequena na época, que, segundo os registros, havia o total de 90 (noventa) famílias, com uma população total de 400 (quatrocentos) índios, imagine nos dias atuais. Segundo o *cacic* Celso, existem cerca de 160 (cento e sessenta) famílias e uma população de 998 (novecentos e noventa e oito) índios. Ou seja, o dobro do que havia na época, em que o espaço já era pequeno.

Ainda, verifica-se uma população maior do que a registrada nos dados do governo federal, de 2014, onde consta registrado 743 mil habitantes, ao invés dos 998 informados pelo *Cacic*.

Outra dificuldade observada na visita foi a ausência de limites territoriais do ambiente cultural e social, já que o ambiente é formado por uma comunidade que possui características culturais e sociais próprias.

Desse modo, nota-se a fragilidade do território de residência desta comunidade por parte externa, já que acaba sofrendo impactos da influência negativa no âmbito cultural e econômico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da pesquisa de campo permitiu uma imersão direta no território de estudo, possibilitando aos participantes familiarizarem-se com o ambiente e as questões de pesquisa de maneira autêntica. Além disso, a interação com os professores estrangeiros durante a pesquisa de campo proporcionou uma oportunidade de troca intercultural, permitindo não apenas o compartilhamento de conhecimentos acadêmicos, mas também o enriquecimento mútuo com a exposição às diferentes perspectivas e experiências culturais.

A visita revelou a necessidade de preservar a autoidentificação cultural das comunidades indígenas, especialmente pela constante influência externa. Conseqüentemente, nota-se que a comunidade tradicional vem empreendendo esforços para corroborar seu local de existência, porém vem encontrando dificuldades diante do aumento populacional, do avanço agrícola e da urbanização dos territórios, em desrespeito à fronteira cultural e territorial da Reserva.

Para concluir, a pesquisa de campo na Comunidade Indígena *Tekoa Ocoy* foi uma experiência enriquecedora e transformadora para todos os envolvidos, destacando a importância do contato direto com as realidades estudadas para o desenvolvimento de pesquisas significativas e aprofundadas em áreas como a sociologia, a antropologia e os estudos de fronteiras. Essa experiência certamente contribuiu para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos participantes, incentivando o estudo das complexidades da sociedade e da cultura fronteiriça.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Terras Indígenas no Brasil**. Disponível em <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3606>. Acesso em: 02 fev. 2024.

BAHL, M; CORBARI, S. D; SOUZA, S. R. D. A Semana Cultural Indígena da comunidade de Tekohá Ocoy, São Miguel do Iguaçu, Paraná (Brasil) como meio de divulgação e valorização sociocultural. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 1-25, janeiro-abril de 2016. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/48298/29363>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MELIÀ, B. Educação indígena na escola. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 11-17, 1999.

MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU. **Caderno de História de São Miguel do Iguaçu**. Secretaria Municipal de Educação, 1999.

SILVA, E. M. **Folhas ao vento a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/673687.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.